

**SANNE MUNK JENSEN
& GLENN RINGTED**

**NÓS DOIS
NA MADRUGADA**

TRADUÇÃO
Milena Vargas



Copyright © 2013 by Glenn Ringtved e Sanne Munk Jensen/ Gyldental.

Todos os direitos reservados.

Esta edição em português foi publicada mediante acordo com a Gyldental Group Agency e a Vikings of Brazil Agência Literária e de Tradução Ltda.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Io e te all'alba

Capa

Violaine Cadinot

Foto de capa

Eugene Partyzan/ Shutterstock

Preparação

Elisabeth Xavier

Revisão

Thaís Totino Richter e Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jensen, Sanne Munk

Nós dois na madrugada / Sanne Munk Jensen e Glenn Ringtved ; tradução Milena Vargas — 1^a ed. — Rio de Janeiro : Suma, 2018.

Título original: Io e te all'alba.

ISBN 978-85-5651-060-0

1. Ficção juvenil I. Ringtved, Glenn. II. Título.

18-12403

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/Suma_BR

PRIMEIRA PARTE

Quando nos resgatam das águas do Limfjorden, ainda estamos presos um ao outro. Não sei quanto tempo permanecemos ali, ninguém sabe, a gente perde um pouco a noção do tempo. Uma semana. Talvez duas. Não sei. Nem o médico-legista sabe dizer com precisão. Fica repetindo que precisa de autorização para tirar as algemas, que lidar com dois cadáveres ligados dessa forma é dificílimo, ainda mais porque estamos muito inchados. Mas não é permitido.

— Não se houver a possibilidade de se tratar de homicídio — diz o policial. É aquele árabe de óculos redondos que uma vez passou para me buscar e que também tinha vindo falar com a gente depois do que houve com o Jeppe. O nome dele é Jørgen. Parece triste e evita nos olhar agora que estamos ali, estendidos sobre as duas mesas de aço.

— Quantos anos eles têm? — pergunta em voz baixa o médico-legista. Mantém as mãos nos bolsos da jaqueta e os óculos levantados na testa. Quantos anos ele tem não está claro: talvez quarenta. Talvez sessenta.

— Dezenove. Talvez até menos. — Jørgen me indica com um gesto de cabeça. — Ela tem apenas dezessete.

O médico-legista suspira. Dois garotos, diz.

— É um absurdo — murmura Jørgen, e o médico-legista assente com a cabeça, mas não acha que foi homicídio.

— Isso estava no bolso dele. — Estende a mão fechada e a abre em seguida.

Jørgen pega uma pequena chave com dois dedos e a levanta contra a luz, um pouco como se fosse um achado arqueológico. Depois observa as nossas mãos unidas, que escorregaram para o espaço entre as mesas.

— É a chave certa — continua o médico-legista. — Eu testei.

— Então você acha que eles mesmos...?

O médico-legista faz que sim.

Jørgen tem o rosto contraído e pisca sem parar. Sua respiração está ofegante. Não consegue encontrar uma explicação. Se tivesse sido apenas Liam, talvez... podia ser. O rapaz tinha passado maus bocados, diz, e conta ao médico-legista sobre Jeanette e Morten Jepsen. O médico-legista concorda de novo. Ele se lembra bem.

— Mas como ela também terminou assim... — prossegue Jørgen — mas... bem, que droga, como vou saber? Tem alguma coisa errada, só pode ser. Ela é a típica menina de Hasseris, de boa família, não é esse o caminho para descobrir o que aconteceu. Bonita e simpática também. Eu conhecia os dois. Claro, não é a primeira vez que acontece, eu sei. Mas... me parece estranho.

Devolve a chave ao médico-legista, que dá de ombros. Bem, a verdade é que poderíamos ter sido assassinados. Ou Liam se algemado a mim e me arrastado contra a minha vontade. Em todo o caso, porém, à primeira vista não parece que tenhamos sinais de violência. Ou que eu tenha resistido. De jeito nenhum. Claro, as algemas estão apertadas nos pulsos, diz.

— ... mas é porque estão muito inchados, com certeza.

Jørgen concorda. É claro.

O médico-legista guarda a chave que está segurando.

— Chega, vou abrir agora — declara, e se enfia entre as mesas de aço. Mas Jørgen apoia uma das mãos sobre seu ombro.

— Espera — diz. — Acho que devemos deixá-los um pouco assim. — Balança a cabeça com ar solene e acrescenta: — Se era mesmo isso o que queriam.

O médico-legista coloca a pequena chave no bolso da jaqueta. Tudo bem, é justo.

Eu gostaria de permanecer assim por um bom tempo, mas também me contentaria com só mais uma hora para me acostumar com a ideia de me separar de Liam. Porém nesse momento a porta se abre e mamãe e papai entram, e mamãe vai para um canto abatida. Grita, grita e grita. Como uma louca. Papai ordena que o médico-legista corte a corrente que une as algemas, porque eu não devo continuar ligada àquele canalha, não devo nem mesmo ficar perto dele. A culpa é toda sua. Ele me arrastou para o fundo. É culpa dele se estou morta.

— A um primeiro exame, não há sinais de violência — explica o médico-legista, e papai é obrigado a perguntar três vezes que diabos queria dizer, então o médico-legista responde sem muitos rodeios que, ao que parece, eu quis morrer junto de Liam. Nesse ponto Jørgen é obrigado a conter papai, que pergunta entre dentes: por acaso está insinuando que ele não conhece a própria filha?

— Minha filha não se suicidou, seu porco imundo dos infernos.

Foi Liam quem me matou. Papai insiste em repetir isso até que a porta se abre de novo e entra Ian, o pai de Liam. E Jonathan, o irmão mais novo. Há um vozerio infernal. Papai e Ian saem para o corredor e Jonathan chora e tenta abraçar Liam, e tanto o médico-legista quanto o policial precisam afastá-lo. No corredor, papai esbraveja e grita para Ian que foi Liam quem me matou e a voz grave de Ian se levanta e parece tanto a de Liam, não fosse por aquele seu dinamarquês truncado, cheio de palavras em inglês. Enquanto isso mamãe soluça no canto, e eu e Liam estamos simplesmente ali, cada um sobre sua mesa de aço, inexoravelmente separados e imóveis. Queria poder mexer a mão. Queria tanto poder escorregá-la para a de Liam como antes, e dizer a mamãe que não chore mais. Queria lhe dizer tudo o que Liam me disse em casa, antes de sairmos para a ponte. Queria descrever a madrugada enquanto estávamos lá em cima, que quase tornou tudo belo. E certo. Queria explicar a ela e a papai os motivos. Contar a verdadeira história. E queria que Liam me abraçasse.

Mas, claro, essas são coisas que não podemos mais fazer quando estamos mortos.

Tudo começou há pouco mais de um ano. Ou melhor, na realidade teria começado muito tempo antes, quando nasci, há dezessete anos. Mas tudo o que aconteceu antes do dia em que conheci Liam não conta em absoluto. Naquela época, eu era apenas uma garotinha que se chamava Louise e morava em uma casa branca de Hasseris, bairro da cidade dinamarquesa de Aalborg com um pai professor do Instituto Comercial e uma mãe mentalmente perturbada que trabalhava como secretária em um hospital. Ou talvez não exatamente perturbada, mas, para dar um exemplo, mamãe era do tipo que tinha medo de todas as doenças possíveis e imagináveis, e de tempestades, e de pegar friagem, e certa vez ela surtou e começou a gritar: “Por que você

faz isso comigo?”, ao perceber que papai tinha feito cocô depois que ela tinha acabado de limpar a privada porque teriam hóspedes naquela noite. Mamãe tinha mania de limpeza. E de micróbios. Pronto, pelo menos desse ponto de vista, ela era mentalmente perturbada.

Não sei, no entanto, que tipo de homem era papai. Provavelmente um acadêmico com suas próprias manias, amante dos números e de todas as coisas que podem ser explicadas. Papai se chama Gorm. Mamãe se chama Ulla. Gorm e Ulla. Depois que eu nasci, mamãe sentiu dores no baixo-ventre e uma inflamação tão forte que precisaram tirar tudo. Não que isso tenha mudado alguma coisa. Eu não era uma menina fácil. Ao contrário. Seja como for, não era uma menina que desse vontade de ter outros filhos. No início, gritava de cólica e depois, na prática, continuei a gritar mesmo já crescida. Papai, sorrindo, me dizia isso sempre. Sabia que eu berrava desse jeito só em casa. Nas reuniões de pais, ele e mamãe não reconheciam a menininha arredia de quem os professores falavam, aquela que nunca dizia uma palavra.

Talvez eu pudesse tentar dosar um pouco as palavras, dizia papai. Abrir um pouco mais a boca fora de casa e um pouco menos dentro. Mas não funcionava. Eu nunca sabia como me comportar com muita gente por perto, bastava que houvesse apenas uma pessoa que eu podia ficar ali como uma idiota, sem saber o que dizer. Eu não sabia ser social. Pelo menos não com tantas pessoas. Era assim e pronto. Em geral, as pessoas não me diziam grande coisa.

Até que eu conheci Liam.

É engraçado, mas me recordo de quase tudo o que aconteceu naquele dia, desde que acordei até começar a vomitar naquela lixeira que parecia feita de linho. Como se, de uma forma ou de outra, o destino tivesse escolhido ser aquele o Dia. Talvez a gente se lembre dos últimos detalhes quando é o dia na nossa vida em que acontece alguma coisa memorável. Como quem viveu os anos 1960 e diz que se lembra do que estava fazendo no dia em que Kennedy foi assassinado. Ou no Onze de Setembro. Eu, por exemplo, não lembro. Claro, eu era muito pequena. De qualquer maneira, acho que na minha vida nunca houve um dia memorável tão importante e internacional. Eu tenho apenas o meu dia memorável pessoal: o dia de Liam.

Era uma sexta-feira. Eu estava com Cille, sem dúvida porque nenhuma das duas tinha uma festa para ir, e garanto que éramos as únicas. Era

assim desde que no nono ano Cille havia mudado de escola e entrado na minha, e depois seguiu no liceu. Não éramos parte de nada, isto é, de nenhum grupo de que fosse maneiro fazer parte, mas tínhamos uma à outra e isso era mais do que já tivéramos, tanto ela quanto eu.

Depois da escola fomos para a casa de Cille e escutamos música tomando Mokaï. Não para fazer algo específico, mas para fazer *alguma coisa*. E quando a mãe dela chegou com o namorado, que Cille odiava com todas as forças, enfiamos as latinhas de Mokaï em um saquinho, saímos e tomamos o primeiro ônibus para o centro. Depois, quando o ônibus chegou ao fim do percurso e o motorista colocou a bolsa debaixo do braço, perguntando se pretendíamos pernoitar ali, pegamos outro ônibus para o outro lado da cidade.

Me lembro de que a parte de trás estava escura com uma lâmpada queimada, mas não nos importava, pois assim podíamos ficar bebendo ali tranquilas, sem precisar nos esconder.

Quando Liam subiu, só nós duas estávamos no ônibus. Naquele momento, é claro, eu ainda não sabia como ele se chamava. Estava junto com Morten Jepsen, ou Jeppe. Todos o chamavam assim. Sentaram-se e só nos avistaram quando Cille riu do cabelo de Liam, que estava um pouco levantado, como se fosse um chapéu esquisito. Ele, naturalmente, não se alterou: limitou-se a virar-se e perguntou do que estávamos rindo.

— O que você acha? — respondeu Cille, e ele deu de ombros; como poderia saber, disse, se soubesse não perguntaria.

Enquanto falava, ele sorriu, e lembro de pensar que eram os dentes mais bonitos que eu já tinha visto, e também a voz mais bela; mas eu, pouco à vontade, não conseguia parar de rir.

Foi então que ele se levantou e veio até nós. Morri de vergonha e quis desaparecer, afundando na cadeira.

— Para onde vocês estão indo? — perguntou, e ainda que fosse Cille a mais bonita e simpática, e que era ela que respondia, era a mim que ele encarava.

— Para nenhum lugar — disse Cille.

— Para nenhum lugar? — repetiu ele.

— Para nenhum lugar que te interesse.

Mesmo que não houvesse absolutamente nada de engraçado, deixei escapar outra risadinha.

Sinalizando com a cabeça, ele indicou Jeppe, sentado na frente e sem parecer saber bem para onde olhar.

— Que pena. Porque nós estamos indo a uma festa da salsicha.

— Uma festa da salsicha? — repetiu Cille.

— É — continuou Liam. — Uma festa com um monte de caras e pouquíssimas garotas.

Ele deu de ombros, depois virou e voltou ao seu lugar com as mãos nos bolsos.

Como se não se importasse nem um pouco.

Cille me lançou um olhar desesperado e colocou a mão em concha na boca, sussurrando que eu devia “fazer alguma coisa”. Mas eu não tive reação, não era *capaz*. Permaneci ali, com os olhos grudados naquele cabelo ridículo, que de repente me parecia incrível.

Antes que conseguíssemos soltar uma palavra, Jeppe apertou a campainha. O ônibus parou e eles desceram sem nem mesmo nos dirigir um olhar.

Enquanto o veículo se afastava lentamente, olhei para Cille.

— Sua idiota — falei entre dentes.

— Como assim?

Levantei em um pulo sem responder e me precipitei para a porta, gritando para o condutor parar. Cille correu atrás de mim.

— O que vocês querem, eu não posso... — começou a protestar o motorista.

— Imbecil, para de uma vez! — gritou Cille com aquela sua voz rouca e penetrante. Funcionou. O motorista freou de supetão, abriu as portas e nos observou balançando a cabeça, enquanto saltávamos e seguíamos no escuro, debaixo de chuva.

Eles estavam fumando sentados no ponto e ergueram os olhos quase como se esperassem nos ver aparecer correndo.

— Então vocês mudaram de ideia — disse Liam com um meio sorriso.

Jeppe se afastou para nos dar lugar, mas Cille se enfiou depressa entre eles e fui obrigada a me sentar no outro canto, ao lado de Jeppe. Bem típico de Cille. E típico da minha parte sentir como se de repente tivesse sido deixada de lado. Jeppe sorriu e olhou para meus peitos, provavelmente porque não sabia para onde mais olhar.

— Qual é? Você está a fim de dar? — perguntou.

Liam explodiu em uma risada.

— Porra, Jeppe! Isso não é coisa que se pergunte.

Jeppe não entendia por que, era uma pergunta simples, bastava responder sim ou não.

Liam passou para Jeppe um cigarro de palha que parecia enrolado à mão e tinha um aroma diferente e melhor do que os dos meus colegas de classe.

— E eu? — disse Cille, tirando-o de sua mão.

Liam sorriu e deixou que ela pegasse.

— Cuidado, que não é um *Prince Light*.

Mas Cille não sabia tragar e logo o passou para Jeppe, que tragou devagar, ficando um instante de olhos fechados. Depois expirou e me ofereceu. Aceitei, não porque tivesse a intenção de fumar, mas porque assim poderia repassá-lo a Liam.

Tomei coragem, estendi o braço atrás dos outros dois e bati em seu ombro. Ele levantou o olhar e pegou o cigarro, mas seus olhos pararam nos meus, me deixando desconcertada.

Acho, ou melhor, sei, que nunca havia me sentido dessa maneira. E o mesmo aconteceu com Liam, segundo ele me falou depois.

— Naquele momento, eu tive a certeza de que nós dois tínhamos que ficar juntos — disse ele. Tantas vezes.

Na festa, Cille me deixou literalmente tonta. Se esfregava em Liam como um gato esfomeado na perna do dono. Mas o pior foi quando fomos ao banheiro juntas e ela me perguntou se eu tinha reparado em Jeppe. Tive vontade de matá-la. Estava plantada na frente do espelho retocando o rímel e deve ter batido os cílios umas cem vezes. Ergueu o queixo e depois passou um pouco mais de rímel. Seus olhos são distantes demais, pensei. Alguém na escola tinha começado a chamá-la de coala e eu nunca tinha entendido o motivo, mas naquela noite, por fim, enquanto ela estava ali passando aquele rímel todo e se olhando no espelho batendo os cílios, entendi que provavelmente era por isso. Não respondi. Saí e comecei a beber com os garotos que tinham feito uma fileira de shots sobre a mesa.

Eu continuava a procurar Liam, mas não o encontrava em lugar algum. Do lado de fora havia um grupinho fumando. Pensei em sair para ver se ele estava ali, mas os shots me subiram à cabeça e já não sabia se conseguiria ficar em pé. Tudo girava. Jeppe voltou e se sentou, me encarando tão cheio

de desejo que, por um segundo, eu não sabia se estava mais enjoada por culpa dele ou dos shots, e quando me precipitei para o terraço ele me seguiu e segurou a minha cabeça enquanto eu passava mal em um canteiro de flores. Ele foi muito gentil e atencioso. Depois me ajudou a chegar a um quarto, tirou os casacos da cama e me colocou debaixo de uma coberta. E quando voltei a ter ânsias, encontrou imediatamente aquela transbordante lixeirinha de linho. Foi uma nojeira completa, mas ele ficou e limpou, e, quando acordei um pouco depois, ainda estava ali, sorrindo para mim. Ele agiu com uma gentileza inacreditável, mas eu não conseguia pensar em ninguém mais além de Liam. E em Cille, onde quer que estivesse. Torcia do fundo do meu coração para que Jeppe fosse embora.

O que por sorte ele fez.

E de repente, no meio da noite, ali estava ele. Liam. Sentado do meu lado, acariciando meu cabelo e perguntando como eu estava. Bem, eu disse, e me reanimei. Mas eu deveria ainda estar tão embriagada que tive a coragem de apoiar a cabeça em seu ombro. Ficamos imóveis por um longo momento em que pensei que aquela bem poderia ser a última coisa que eu faria na vida. Se uma bomba atômica explodisse, eu não daria a mínima. Morreria feliz.

Também conversamos um pouco. E de repente ele me beijou, assim, do nada, me pegando desprevenida. A única coisa que eu conseguia pensar era que devia estar fedendo a vômito, mas ele disse que não. E então nós nos beijamos de novo, até que ele se levantou e me perguntou se eu queria ver uma coisa incrível.

Pegamos um ônibus até o centro. Era muito tarde, mas o sol ainda não havia nascido. Descemos até o porto, onde havia um guindaste altíssimo.

Liam segurou minha mão, olhou lá para cima e perguntou se eu iria com ele.

— Para onde? — falei. — Lá no alto? Mas não tem como.

— Claro que tem. Eu já subi lá. — Ele me deu aquele seu sorriso irresistível. — A cabine é aberta. É só entrar.

— O que é isso, um lugar aonde você leva todas as garotas? — deixei escapar. Eu nunca perguntaria algo assim, aquela era uma pergunta que talvez Cille fizesse, mas falei sem pensar e ele pareceu surpreso. Na verdade, eu nem sabia se queria que ele respondesse, mas ele o fez.

— Você é a primeira — disse com uma expressão séria. — Subo lá quando quero ficar sozinho. Para pensar.

Eu sorri, desviando o olhar. “Pensar”. Claro que ele fazia esse tipo. Um cara que precisa subir em um guindaste para pensar.

Ele me puxou pela mão.

— Vamos — disse.

E assim subimos e olhamos as luzes da cidade, enquanto o sol surgia a leste, colorindo o estreito de Limfjord de amarelo e púrpura, e de um laranja atraente. E conversamos. Sobre tudo e sobre nada. E mesmo quando falávamos de nada importante, parecia que tudo o que Liam dizia era de uma profundidade única. Como se ele fosse capaz de ver por trás da fachada de todas as coisas.

— Um dia quero escrever um romance — disse Liam, e o livro falaria de como tudo é superficial. E da vida ridícula que as pessoas levam. Sem valores verdadeiros e sem nunca desejar alguma coisa para valer. E eu pensei na escola, na minha mãe e em todos os adultos que conhecia, e eu o *entendi* de verdade, e disse que leria aquele livro com muito, muito prazer.

Então, depois que passamos um bom tempo nos beijando, perguntei-lhe sobre Cille, e ele respondeu apenas:

— Cille? Que Cille? A sua amiga? — ele começou a rir. — Porra, ela é insuportável. Eu não conseguia me livrar dela. Só pensava em vir encontrar você.

Eu queria perguntar por quê, mas sabia que pareceria uma pergunta idiota. Na verdade, tudo o que eu queria saber era por que ele havia *me* escolhido. Liam parecia do tipo que conseguia todas as garotas que quisesse.

Mas não foi necessário perguntar.

— Quando você começou a rir lá no fundo do ônibus, fiquei balançado — disse. — Sua risada mexeu comigo.

— É mesmo? Mas é horrível.

— Que nada, é fantástica. — Ele me beijou de novo. — E depois pensei que você era doce e lindíssima. E ainda penso.

Retribuí o beijo e estava quase começando a chorar, porque era tudo tão perfeito. Agora a bomba atômica podia explodir de verdade. Ainda bem que não havia explodido antes, quando estávamos na cama e apoiei a cabeça sobre seu ombro e eu ainda tinha tudo isso para vivenciar. Agora sim, podia.

Mamãe quer mudar de casa. Quer que venha alguém para empacotar, tipo o Exército da Salvação, e que levem tudo embora. Depois ela e papai vão se mudar. Para longe. Até para outro país, quem sabe, contanto que seja longe. Ela não aguenta mais, diz. Não aguenta mais ficar aqui na nossa casa, nem mesmo na nossa cidade de Aalborg.

Quatro dias se passaram desde que fomos encontrados nas águas do Limfjord e mamãe já passou o aspirador de pó duas vezes no meu quarto. Nesse período, ninguém entrou lá, apenas ela, que uma noite se esgueirou para dentro e sentou na minha cama. Ficou apenas sentada ali, observando, por uns dez minutos. Por fim, ela se levantou e saiu. Antes alisou a colcha para que ninguém percebesse que estivera ali.

— Eu não sinto mais a Louise — disse ao papai na manhã seguinte. — É como se estivesse em todo lugar e, ao mesmo tempo, é quase como se nunca tivesse existido de verdade.

Segundo papai, ela estava dizendo coisas estranhas, o tipo de besteiras que se encontram em revistas femininas. Mamãe tentou se explicar, mas só piorou as coisas. Disse que nós duas, eu e ela, nunca nos entendemos de verdade, não éramos uma família. Ela não me entendia.

— Cala a boca, Ulla — disse papai em voz baixa. — Para com toda essa bobagem.

Mamãe começou a chorar e a dizer que era culpa dela, ou culpa deles, dos dois. Ela e papai não prestaram atenção o suficiente, e então papai gritou que se eu estava morta o único culpado era Liam, e que ela devia calar a boca. *Agora*.

Depois ele foi para a escola, e ao sair bateu a porta, e mamãe se jogou no sofá e gritou com o rosto pressionado em uma almofada. Ficou desse jeito por um bom tempo. Depois arrumou a almofada, levantou-se, foi para o quarto deles e se enfiou na cama. E a partir daquele momento não falaram mais de mim, até agora, quando estão comendo espaguete à carbonara na cozinha e mamãe acabou de dizer isso, que quer ir embora.

Papai balança a cabeça.

— Temos que ficar aqui, Ulla — diz com a boca cheia. Sempre faz isso. Joga um bocado de um lado, a bochecha se infla como a de um hamster e depois ele começa a falar. Na verdade, quando come, papai fala *sempre e apenas* estando de boca cheia. Mamãe não suporta isso e sempre faz um comentário. Mas agora ainda não disse nada. — Não adianta fugir. Mesmo que a gente vá embora, as coisas não vão melhorar.

Mamãe se apoia no encosto da cadeira e encara o vazio, suspirando.

— Se alguém tem que ir embora, é *ele* — diz papai, indicando a janela com o garfo. Apesar de não citar o nome, mamãe sabe que está falando de Ian.

Ian, o pai de Liam, é irlandês, mas chegou à Dinamarca com no máximo dezenove ou vinte anos. Trabalhava seis meses no porto e, quando não estava de turno, ia a um dos bares da Jomfru Ane Gade para beber Guinness. Sozinho. Nunca ninguém lhe dirigia a palavra, como ele mesmo me contou. Até a noite em que duas garotas entraram. Uma era morena, a outra uma loira que usava pantalona com estampa de leopardo, e foi ela que lhe perguntou se tinha um cigarro. Ela se chamava Jeanette, disse, e perguntou o nome de Ian, e o que significava aquela tatuagem em seu antebraço. Talvez justamente porque ela havia sido a única a falar com ele em todos aqueles meses, Ian ficou tão emocionado que a convidou para dançar, apesar de a música estar saindo de um jukebox e de não haver exatamente uma pista de dança, apesar de nunca ter dançado com alguém e de não ter ideia de como se fazia. Mas ela aceitou, e dançaram. Depois ele ofereceu uma rodada de cerveja e a amiga morena se irritou e foi para casa. Assim, quando colocaram de novo no jukebox uma certa canção que já tinham escutado três vezes, e o garçom anunciou que aquela seria a última vez, Ian se aproximou dela e a beijou. À irlandesa, conforme especificou, o que quer que isso signifique. Naquela noite, ficaram juntos. Depois ela engravidou e, por isso, Ian permaneceu aqui.

Eu nunca encontrei Jeanette. Morreu de câncer de mama dois anos antes de eu conhecer Liam, mas a vi em fotos. Era uma jovem bonita, pensei. Tinha os dentes perfeitos, branquíssimos, e um sorriso enorme, e parecia estar sempre feliz. Mas não era verdade, disse Liam. Só sorria quando era fotografada. Na verdade, estava quase sempre muito triste.

Não sei como era o pai de Liam antes da morte de Jeanette, mas na época em que o conheci ele estava com frequência de péssimo humor. Quando não estava trabalhando, dormia a tarde toda e depois, mal acordava e meio consciente, começava a gritar com Liam e o irmão. Ainda o ouço gritar da cama com aquela sua voz irritante, tão rouca que parecia saída do fundo de um poço: “Liam? Liam? Jon?” e logo depois uma metralhada furiosa em irlandês. Eu não entendia muito bem, mas Liam sim, e berrava alguma resposta. Quase sempre era algo tipo “fuck” ou “shut up”.

Uma vez ele bateu em Liam. Deu-lhe um tapa. E Liam cuspiu nele e gritou: “É isso que você quer?” indicando Jonathan, que chorava, e eu, que tampava as orelhas.

Outra vez, Ian estava tomando café da manhã em pé perto da mesa da cozinha e de repente virou-se e derramou uma tigela de leite e *corn flakes* na cabeça de Liam porque, segundo ele, tinha lhe “faltado respeito” e “precisava de uma lição”.

Mas ele também podia ser muito gentil. Especialmente quando bebia um pouco, mas não demais, e a situação financeira estava boa, ou se o tempo estava agradável e coisas assim. Então ele contava histórias da Irlanda. Da vez em que ele e seu amigo, bêbados, tinham feito um passeio pelo interior e acabaram batendo o carro contra uma cerca, deixando escapar centenas de ovelhas, e precisaram fugir pelos campos para não serem capturados pelo camponês. E de quando sua avó pariu o oitavo filho enquanto atravessava o pátio: ela se inclinara, levantara o vestido e retirara a criança.

— Jeanette gritou por dezessete horas quando pariu você — disse ele uma vez, indicando Liam. — As irlandesas... vai por mim, Liam, elas são melhores para você.

Depois ele me deu uma piscadela sorrindo, porque obviamente não pensava isso de verdade, e eu percebia pelo seu olhar e sorriso que simpatizava comigo. Eu também gostava dele, mesmo que de vez em quando ficasse realmente insuportável, e que dez vezes por dia ele se irritasse com Liam e Jonathan mais do que meu pai se irritou comigo a vida inteira. Meu pai e o de Liam eram mais ou menos como o dia e a noite, e um não digeria o outro. Por nada.

Contudo, nossa história começou bem. Mais ou menos. De acordo com mamãe, era ótimo que eu tivesse um namorado. Ao menos foi o que ela disse quando enfim tomei coragem e lhe contei. Ela exclamou: “Que notícia incrível, Louise!” e, olhando para papai, acrescentou: “Não é verdade, Gorm?” E papai concordara dizendo claro, como não seria. Era ótima. Depois disso não falou mais nada, e para mim estava muito bem assim. Enquanto isso, meus pensamentos iam longe.

Mas depois, de noite, mamãe quis saber um pouco mais e perguntou como ele era. O meu namoradinho.